



O Ouvido

por Christoph Wulf¹

(Universidade Livre de Berlim - chrwulf@zedat.fu-berlin.de)

Resumo

O autor analisa o desenvolvimento do ouvido e seu papel fundamental na constituição da subjetividade e da sociabilidade. Mostra as relações entre o olho e o ouvido, lembrando que enquanto o primeiro reduz o mundo a uma imagem bidimensional, o segundo capta a tridimensionalidade do espaço. Nesse contexto, explica que as formas de pensamento centradas na razão, que se seguiram à difusão da cultura escrita, exigiram processos de abstração mais afinados com o ver. Assim, descreve o processo civilizatório que permitiu o gradual predomínio da vista sobre os outros sentidos.

Palavras-chave: ouvido, subjetividade, sociabilidade.

Abstract

This article reflects on the development of the ear and its important role in the constitution of subjectivity and sociability. It highlights the relations between the eye and the ear, regarding that the former reduces the world to a two-dimensional image whereas the latter captures the three-dimensionality of space. In this context, the author explains that the forms of thought focused on the reason, which followed the dissemination of written culture, demanded operations of abstraction linked to the eye. Thus, the text describes the civilizatory process that allowed the gradual domination of the sight over the other senses.

Key words: ear, subjectivity, sociability.

¹ Christoph Wulf é pesquisador do Centro de Antropologia Histórica de Berlim e professor da Faculdade de Educação da Universidade Livre de Berlim. É autor e organizador de livros (inclusive conjuntamente com Dietmar Kamper) sobre a rubrica de lógica e paixão, sobre temas como corpo, violência, imagem, performance, ritual e gesto. É o organizador da *Enciclopédia Antropológica - Cosmo, Corpo, Cultura*, publicada também na Itália e na França. No Brasil publicou, em parceria com Günter Gebauer, o livro *Mimese na Cultura. Agir Social. Rituais e Jogos. Produções Estéticas* (São Paulo: Annablume, 2004). *a. Agir Social. Rituais e Jogos. Produções Estéticas*





As sonoridades, as tonalidades e os timbres tiveram uma difusão e uma importância bem maiores do que geralmente acreditamos. Assim, “a música das esferas”, como postularam os pitagóricos, tornou-se audível. Os barulhos da radiação do sol quando entra na atmosfera da terra, os estalos do pulsar e inumeráveis barulhos enviados pelas estrelas são perceptíveis. No “silêncio do mar”, podemos escutar com a ajuda de aparelhos apropriados, numerosos sons produzidos pelas baleias e peixes para se comunicarem. Mesmo os processos de crescimentos de ervas, flores e de árvores podem tornar-se audíveis. Um estudo das transmissões mágicas, míticas e religiosas que concerne o caráter sonoro, tonal do mundo, assim como de seu timbre, com os questionamentos e instrumentos de hoje, promete resultados fascinantes.

Grandes partes do mundo dos sons, barulhos e timbres que nos cercam são submetidas às mudanças sócio-históricas e geográficas. Para os cidadãos, a martelagem dos cascos de cavalo e o entrecacho dos potes de leite fazem parte de um mundo que não existe mais. Barulhos até aqui desconhecidos aparecem com a revolução industrial, eletromecânica e eletrônica. As máquinas industriais, os trens, os carros, os aviões, o telefone, o fonógrafo, o rádio, a televisão e o computador produzem novos mundos de sons, de tons e de timbres dos quais a análise ligada a uma pesquisa histórico-antropológica dos processos de civilização promete descobertas interessantes.

Do ponto de vista ontogenético, os sentidos do ouvido e do movimento são os primeiros sentidos desenvolvidos. A partir da idade de quatro meses e meio, um feto é capaz de reagir a estímulos sonoros. Nesse momento, do ponto de vista anatômico, o desenvolvimento da orelha está completo e o nervo auditivo começa a funcionar. O feto ouve a voz de sua mãe, sua respiração, os barulhos da circulação do sangue e da digestão. Ele percebe de longe as vozes de seu pai e de seus irmãos e irmãs, assim como os barulhos





agradáveis e perturbadores que são mensagens do exterior dos quais ele reage. O sentido do ouvido se desenvolve muito antes que o sentido da visão, e muito antes dos outros sentidos comecem a funcionar.

Somos interpelados pelo sentido do ouvido antes de nosso nascimento. Ouvimos os outros antes de vê-los, senti-los ou tocá-los. Com ele, ouvimos a fala antes de falar e de entender. Ouvir, desse modo, é a condição para entender e falar. Sentimentos de segurança e pertença se formam pela percepção da interpelação. O sentido do ouvido é o *sentido social*. Nenhuma comunidade social se forma sem que os membros aprendam a se escutar. Crescemos em uma cultura com a ajuda da percepção dos barulhos, das sonoridades, das tonalidades e das palavras. Esses processos começam antes do nascimento, e se intensificam depois do nascimento e na primeira infância.

Com o sentido do ouvido, não percebemos apenas as palavras que os homens nos endereçam pela *fala* e sua significação. Da maneira pela qual as palavras nos são endereçadas, ouvimos mais que sua significação; aprendemos alguma coisa sobre o locutor, que se exprime não em palavras, mas na própria enunciação. Pelo balanço do timbre da voz, de sua tonalidade, de sua intensidade e de sua articulação, o locutor se mostra ao ouvinte. Esta transmissão tem um aspecto expressivo e social. A expressão de si do locutor é orientada para um interlocutor que a recebe e a trabalha. Na medida em que o ouvido é ligado à voz, ele praticamente não pode ser dissimulado. A voz e a expressão estão ligadas aos processos vegetativos do corpo e se subtraem em grande parte à influência da consciência (Meyer-Kalkus, 2001). Aqui, a voz assemelha-se à grafia, da qual a pertença para uma pessoa não pode mais estar escondida.

Como o sentido do ouvido é retroativo, o locutor ouve a si mesmo. Seu ouvido segue sua fala. Isto o permite de se seguir como locutor, de ser, portanto refletido. Se fizermos





abstração da situação ontogenética da qual o ouvido precede a fala – e a torna possível – não se pode decidir se a fala precede o ouvido ou o ouvido a fala. Quando uma palavra endereçada a um outro homem é percebida, torna-se para o locutor e para o ouvinte o ponto de partida para outras palavras e assim por diante. Esta particularidade do sentido do ouvido permite uma *percepção de si* pelo homem. Ouvir a respiração, o movimento e a digestão do próprio corpo permite não apenas uma percepção de si elementar e uma *confirmação de si*, mas também um processo de afetação de si. Isto se manifesta já nos métodos vegetativos, e é particularmente eficaz na fala. Falar é também se falar. É desta forma que o sentido do ouvido tem um papel particular na constituição da subjetividade e da sociabilidade.

Sonoridades, tonalidades e timbres recorrentes criam a intimidade da pequena criança com o seu meio. Em particular, a aparição ritualizada de sons e vozes idênticas ajuda no “enraizamento” da criança, que com a ajuda do ouvido ancora-se no mundo e “conecta-se” com ele. Entre os traços mnêmicos, percepções precoces e os novos barulhos, criam-se contingências. Pela intermediação do ouvido, barulhos do exterior chegam ao interior. Mundos de sons exteriores tornam-se mundos de sons interiores. Em particular nas fases ontogenéticas do começo, “repetições” e “imitações” são elementos importantes para o desenvolvimento do ouvido. Repetições lingüísticas, ritualizadas e estruturadas em ritmo, favorecem a *capacidade mimética* (Wulf 2006; Gebauer/Wulf 2004). Falar e entender são aprendidos através de imitações variadas. Com a possibilidade de ser ouvido, adquirimos uma nova competência social, com a ajuda da qual a individualidade infantil pode desenvolver-se.

Enquanto a vista nos dá uma imagem do mundo em duas dimensões, *o aspecto tridimensional do espaço* manifesta-se através do ouvido. Enquanto a vista percebe





apenas objetos que estão “diante” dela, a orelha percebe sonoridades, tonalidades e timbres que se encontram atrás dela. Através do ouvido se desenvolvem *o sentido* e *a consciência do espaço*. A combinação do ouvido e do sentido do espaço, corresponde a implantação morfológica do sentido de equilíbrio na orelha. Com o ouvido, nós nos “localizamos” no espaço e garantimo-nos a estação de pé e *o equilíbrio*.

Enquanto a vista tem tendência em perceber as coisas de uma maneira estática e invariável, o ouvido apreende a dinâmica da gênese do tempo. O ato de ouvir está sempre ligado a sucessões temporais. Ouvimos apenas modificações acústicas e as diferenças entre os barulhos, as tonalidades e os timbres. Elas aparecem no “fluxo temporal”. No ouvido, o sentido de equilíbrio, as percepções do espaço e do tempo condicionam-se mutuamente e se reforçam.

Diferentemente da vista que se caracteriza em grande parte pela focalização, as percepções do ouvido são mais difusas. O ouvido pode diferenciar suas percepções mais dificilmente que a vista, que percebe as relações entre os objetos e pode se concentrar sobre detalhes sem perder de vista o conjunto. Certamente, o ouvido percebe também diferenças de direção entre as diferentes fontes de sons, mas é difícil para ele se focalizar. A diferença de capacidade, entre a vista e o ouvido, a ser dirigida torna-se manifesta quando se representa que podemos desviar o olho, fechá-lo mesmo, enquanto pode-se apenas dirigir a orelha e não fechá-la. Enquanto que o sono só é possível com “os olhos fechados”, as estimulações acústicas – quando não ultrapassam certo limiar – não o impede. No sono, ficamos ligados ao mundo exterior graças ao ouvido.

A maior disponibilidade da vista em relação ao ouvido se exprime também pelo maior número de palavras e de metáforas que se referem à vista. O ouvido possui uma posição intermediária em relação à vista e aos sentidos de proximidade, que são o “tocar”, o





“olfato”, o “gosto”, a propósito dos quais as línguas indo-germânicas estranhamente conservaram-se “mudas” (Diaconu, 2005). A hierarquia dos sentidos com a dominação e a hipertrofia da vista é um resultado do processo de civilização. As condições na origem desse desenvolvimento encontram-se na passagem do oral para a escrita, no tempo de Platão, na extensão da escrita, seguida da invenção da imprensa e na invenção e extensão das novas mídias. A predominância da vista encontra-se igualmente confirmada nos esforços para desenvolver as “realidades virtuais”. Quase todos os projetos de pesquisa e de desenvolvimento concentram-se sobre a elaboração de “realidades virtuais” orientadas pelo visual, cuja simulação da realidade está, contudo, mantida pela atenção posta aos outros sentidos.

A passagem progressiva para a dominação da vista em relação aos outros sentidos, se efetua no tempo de Platão. Esta situação torna-se tangível com a atitude ambivalente de Platão quando encara a escrita. Ele marca o papel importante da fala e da audição na dinâmica da atividade filosófica, papel que se exprime na forma que ele escolheu: o diálogo, no centro do qual se encontra o homem que fala e que ouve. Quando, na *República*, Platão designa a música como “a maior educadora do mundo”, aparece igualmente de maneira clara a que ponto ele está convencido do valor da audição. A esta valorização corresponde a significação que a época pré-platônica conferia à audição, com uma conotação mal supervalorizada pela cultura grega. Assim, a audição na cultura oral das epopéias homéricas, tem um papel decisivo quanto a sua propagação. Para dar continuidade a estas idéias de Homero, Platão, enquanto o maior “mestre” dos gregos, impondo sua filosofia, une-se à cultura escrita nascente, a qual ele confere uma contribuição decisiva para a elaboração de novas formas do pensamento e da argumentação.





A passagem da *oralidade* da época homérica para a literalidade da época platônica introduz de maneira progressiva o papel decisivo da vista na cultura grega. Aparece claramente a qual ponto a escrita torna-se o veículo da superioridade da vista sobre a audição, através de formas transitórias, como a leitura em voz alta, pela qual Svenbro (1988) encontra ilustrações muito marcantes. Sabemos, aliás, suficientemente que a propagação da *literalidade* tem por conseqüência transformações culturais profundas. Impondo formas do pensamento *logocêntricas*, conseqüência da expansão da cultura escrita, favorecem-se processos de abstração, cuja afinidade com a vista é evidente. Na alegoria da caverna, na *República*, a pretensão da vista como meio do conhecimento é formulada de maneira irrefutável. Sua história é bastante conhecida.

Na passagem progressiva de uma cultura oral para uma cultural mais orientada pelo visual, com a propagação do escrito, observa-se igualmente uma transformação do mimético. Sem uma *mimese acústica* desenvolvida, a difusão das epopéias homéricas e o advento das concepções pitagóricas da música das esferas mal são possíveis. As observações de Koller (1954), sobre a significação da mimese da música e da dança na época pré-platônica, são ilustrações do papel central da mimese acústica na época arcaica. Podemos compreender os mitos de “Narciso e Eco” ou de “Mársias e Apolo” como expressão da tensão entre a audição e a vista, superado o perfil da vista. No mito de Narciso, é o não-respeito da audição e a fixação sobre a vista que é mortal. No mito de Mársias, o luminoso Apolo vence o Frígio Sileno pela música de sua flauta, que desfigura a beleza do rosto. Na história da mimese, este desenvolvimento conduz a associar a mimese com as artes representativas e figurativas. Esta redução da compreensão da mimese necessita uma correção (Gebauer/Wulf, 2005). Na perspectiva antropológica, damos a mesma atenção para a mimese acústica como as outras formas de mimeses.





Certas formas de ação mimética que concernem em falar e ouvir, estão já presentes nas culturas mágicas primitivas. Nos processos de *“imitação antecipada”* recitam-se na natureza as esperas e os desejos dos homens, na esperança que estas os escutem e os satisfaçam. A natureza deve se prestar às invocações que lhe são endereçadas. A magia é a tentativa de ter influência sobre a natureza e de levar a se comportar de maneira mimética em relação às predisposições do homem. A mimese da natureza realiza-se ouvindo a voz humana através da *“orelha”* da natureza.

Enquanto nas culturas primitivas pré-mágicas, é a natureza que exige obediência do homem, nas culturas caracterizadas pela magia, é o homem que tenta obter a obediência da natureza pelos processos de imitação antecipada. Em seguida, a prática racional das sociedades históricas se funda sobre a mimese, cujo caráter se transforma certamente pouco a pouco. A utilização organizada da mimese está na base do desenvolvimento da racionalidade como comportamento finalizador, que serve primeiramente ao controle dos aspectos negativos da mimese e à preservação de si. Pelo processo de desenvolvimento da racionalidade instrumental, é o reino do homem sobre o homem que se estende progressivamente. Enquanto anteriormente, a natureza exigia a submissão do ancestral do homem com ajuda do mimetismo, é doravante o homem que exige obediência ao homem em nome da racionalidade. A dominação do homem deve se estender à natureza, nela e fora dela, e na natureza de outro homem. Não é uma submissão às forças míticas dos tempos primitivos ou a utilização mágica que é feita nas culturas primitivas que se produz ao curso do processo de civilização ocidental, mas a submissão à universalidade abstrata de uma racionalidade que tende ao imperialismo. A *racionalidade* torna-se um poder comparável aos poderes míticos da época mágica. Ela torna-se um mito que toma seu lugar de mitos pré-históricos e exige duravelmente a obediência. No processo de desenvolvimento, a audição encontra-se desacreditada pelo fato de ter seu lugar estreito





com a obediência. O homem que fala e decide por si mesmo toma o lugar do sujeito obediente. Neste processo de autodeterminação crescente, a audição esta relegada ao segundo plano. Deste fato, a fala corta o perigo de perder seu poder interior.

Na audição, há uma prioridade das sonoridades, das tonalidades – dos objetos. Como sons que atingem o ouvido, eles reenviam ao exterior do mundo e ao interior daquele que escuta, eles formam um “entre-dois”, um “limiar” da representação que encontra-se na dinâmica do tempo, no movimento entre “antes” e “depois”. No *processo de audição* são percebidas, graças a ele, semelhanças, correspondências, experiências sensoriais. É sobre este “limiar” que se executam os processos de mimese acústica. É neste “entre-dois” que ecoa a voz do outro, que aparece a magia misteriosa dos sons. A fixação e o jogo ao redor do “entre-dois” permite a mimese acústica, na diferença da audição instrumentalizada, no quadro da qual o entendido encontra-se reduzido a negligenciar os aspectos expressivos dos conteúdos semânticos e de sua função instrumental. A audição mimética permite a aprendizagem das semelhanças e das correspondências sensoriais e não-sensoriais como aquele da expressão dos conteúdos escondidos que se exprimem nela. Seu desabrochar necessita de silêncio e atenção daquele que ouve (Le Breton, 1997). Estas são as condições necessárias para a concentração sobre o “entre-dois” ao redor da qual se realizam a imitação, a imitação antecipada e a representação.

Na diferença da linguagem, que permite ao indivíduo entrar em relação com o mundo, na medida em que ele conduz o exterior e o interior ao mesmo nível, o seu, que é comunicado no “entre-dois” da audição mimética, a música é – ao menos em grande parte – auto-referencial. Não há nela nem exterior nem interior. Esta igualdade à si da música é igualmente em sua origem, em todo caso no que concerne a música clássica, de sua aura e de seu caráter misterioso. Como a beleza e o amor, a aura e o caráter





enigmático só podem ser aprendidos no “entre-dois” do comportamento mimético, no qual realiza-se a adaptação do ouvinte à música. Neste processo se produz uma extensão ao nível da música, na qual aquele que ouve esforça-se em recriar sua síntese, sua coerência, sua seqüência e tenta assemelhar-se a ele. Na audição mimética, trata-se de evitar que a linguagem e a música sejam reduzidas ao horizonte daquele que ouve; aquele que ouve deve ao contrário estender seu horizonte adaptando-se. Prioridade cuja linguagem e a música se reportam à audição mimética. Neste processo de adaptação, está, contudo uma diferença a partir da qual se formam um desejo e uma alegria estéticos.

BIBLIOGRAFÍA

BENJAMIN, W. Lehre vom Ähnlichen, Gesammelte Schriften II. Frankfurt/M. : Suhrkamp, 1980. p. 204-210.

BENJAMIN, W. Über das mimetische Vermögen, Gesammelte Schriften II. Frankfurt/M. : Suhrkamp, 1980. p. 210-213.

BERENDT, J.-E. Le grand livre du Jazz. Paris : Librairie générale française, 1988.

DIACONU, M. Tasten, Riechen, Schmecken. Eine Ästhetik der anästhetischen Sinne. Würzburg : Königshausen Neumann, 2005.

GEBAUER, G./WULF, Ch. Jeux, rituels, gestes. Paris : Anthropos, 2004.





GEBAUER, G./WULF, Ch. *Mimésis. Culture, art, société.* Paris : Cerf, 2005.

GEHLEN, A. *Anthropologie et psychologie sociale.* Paris : P.U.F., 1990.

HERDER, J. G. *Traité de l'origine du langage.* Paris : P.U.F., 1992.

HOLBEIN, U. *Der Belauschte Lärm.* Frankfurt/M : Suhrkamp, 1991.

HORKHEIMER, M./ADORNO, Th. W. *La dialectique de la raison.* Paris : Gallimard, 1983.

KAMPER, D./WULF, Ch. *Schweigen. Unterbrechung und Grenze der menschlichen Wirklichkeit.* Berlin : Reimer, 1992.

KOLLER, H. *Die Mimesis in der Antike. Nachahmung, Darstellung, Ausdruck.* Berlin, 1954.

LANGENMAIER, A.-V. (dir) *Akustik - Eine Frage des Design. Der Klang der Dinge.* München, 1993.

LE BRETON, D. *Du silence.* Paris : Métailié, 1997.

MEYER-KALKUS, R. *Stimme und Sprechkünste im 20. Jahrhundert.* Berlin : Akademie, 2001.

ONG, W. J. *Orality and literacy : the technologizing of the world.* London : Methuen, 1982.

PLATON. *La République.* Paris : Flammarion, 1966.

RHEINGOLD, H. *La réalité virtuelle.* Paris : Dunod, 1993.

RIEDEL, M. *Hören auf die Sprache. Die akroamatische Dimension der Hermeneutik.* Frankfurt/M. : Suhrkamp, 1990.





SCHAFFER, M. Le paysage sonore., Paris : Lattés, 1991.

SCHULZE, H./WULF, Ch. Klanganthropologie. Mimésis, Performativité, Narration. Paragrana. Internationale Zeitschrift für Historischen Anthropologie, vol. 16 (en préparation), 2007.

SVENBRO, J. Phrasikleia. Anthropologie de la lecture en Grèce ancienne. Paris : La Decouverte, 1988.

TOMATIS, A. A. De la communication intra-utérine au langage humain. Paris, 1991.

WULF, Ch. Traité d'anthropologie. Histoires, philosophies, cultures. Paris : L'Harmattan, 2002.

WULF, Ch. Cosmo, corpo, cultura. Enciclopedia antropologica. Milano : Bruno Mondadori, 2002.

